

A CIDADE NA ENCRUZILHADA

Fernando Rafael de Albuquerque Silva¹

Brenda Carlos de Andrade²

RESUMO

Pensar a cidade, para além do presentismo, é elucubrar, primordialmente, sobre o futuro das comunidades, das sociedades e dos grupos sociais que nela habitam. Essa reflexão é, também, pródiga em traçar uma perspectiva sobre que tipo de cidade queremos pensar e construir para o futuro. O presente artigo, então, tem como premissa trazer reflexões iniciais sobre como a imaginação de cidades distópicas pode, amplamente, contribuir para a construção de uma urbe cada vez mais inclusiva, que contribua com a emancipação dos seus cidadãos e com o acesso à direitos. Para a construção dessa leitura de cidade é preciso uma compreensão dela para além de sua própria espacialidade de forma a entender o espaço urbano como uma “persona” que pode contribuir, sobremaneira, na forma como nós estamos inseridos nela. Assim, ao esquadrihar a cidade de Nagast e mais precisamente a comunidade de Obambo, indicamos passos iniciais para o entendimento da cidade enquanto um corpo que pode contribuir com um projeto emancipatório.

Palavras-chave: Distopia, Cidade, Ficção Especulativa.

1 Fernando Rafael de Albuquerque Silva é mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), fernandodealbuquerque@gmail.com;

2 Brenda Carlos de Andrade é doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco e professora do Departamento de Letras da UFRPE, brenda.carlosdeandrade@gmail.com.